

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

RÚBIA APARECIDA CIDADE BORGES

O USO DA *WEBQUEST* NO ENSINO DE GEOGRAFIA:

considerações a partir da prática docente

Porto Alegre

2015

RÚBIA APARECIDA CIDADE BORGES

**O USO DA *WEBQUEST* NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
considerações a partir da prática docente**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora:
Professora Doutora Eunice Maria Mussoi

Porto Alegre
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida
Rockenbach Tarouco

Nosso grande medo não é o de que sejamos incapazes. Nosso maior medo é que sejamos poderosos além da medida. É nossa luz, não nossa escuridão, que mais nos amedronta. Nos perguntamos: 'Quem sou eu para ser brilhante, atraente, talentoso e incrível?'. Na verdade, quem é você para não ser isso?... Bancar o pequeno não ajuda o mundo. Não há nada de brilhante em encolher-se para que as outras pessoas não se sintam inseguras em torno de você. E à medida que deixamos nossa própria luz brilhar, inconscientemente damos às outras pessoas permissão para fazer o mesmo. (Nelson Mandela – Discurso de Posse, 1994).

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da qual tenho muito orgulho de ter sido e ainda ser aluna. De tempos em tempos é necessário voltar à velha casa.

À Prof.^a Dr.^a. Eunice Maria Mussoi, por embarcar em uma orientação totalmente “à distância”. Obrigada pelo desprendimento e confiança.

À minha mãe, por ajudar a me constituir como indivíduo de pés presos ao chão e cabeça solta nas nuvens. Embora não exato e incerto, “*o céu de Ícaro tem mais poesia que o de Galileu [...].*”

Ao meu marido por se fazer presente mesmo nas minhas ausências. Pelo apoio e ternura infinita, meu amor e gratidão.

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo discutir como ocorre a pesquisa e a aprendizagem em geografia através do uso da metodologia *Webquest* em escola pública com turmas de 9º anos do Ensino Fundamental. Para tal, revisou-se a literatura especializada a respeito do ensino de geografia, do uso de mídias em educação e da utilização da metodologia *Webquest*. Foi também elaborada *Webquest* com o tema Globalização, de forma a aprofundar e complementar o estudo desse tema pelos alunos. Finalmente, os resultados obtidos com o uso dessa metodologia foram discutidos resgatando os pressupostos teóricos levantados.

Palavras-chave: Ensino de geografia. Tecnologia educacional. Internet.

USE OF WEBQUEST METHODOLOGY IN GEOGRAPHY EDUCATION: considerations from the
teaching practice

ABSTRACT

This work aims to discuss how does the research and learning in geography through the use of Webquest methodology in public school with classes from 9 years of elementary school. To that end, it revised up the literature about the geography teaching, the use of media in education and the use of the Webquest methodology. It was also designed Webquest with the globalization theme in order to deepen and complement the study of this subject by students. Finally, the results obtained from the use of this methodology were discussed rescuing the theoretical assumptions raised.

Keywords: Geography education. Educational technology. Internet.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1.1: Tecnologias modificando sociedades humanas no Período Neolítico.....	15
Figura 4.1: Etapas para a criação da <i>Webquest</i>	23
Figura 5.1: Síntese da metodologia do trabalho	29
Gráfico 6.1: Frequência de acesso à Internet pelos alunos	32
Gráfico 6.2: Local de acesso à Internet pelos alunos	33
Figura 7.1: Aspecto da página inicial do site	36
Figura 7.2: Aspecto da página APRESENTAÇÃO	36
Figura 7.3: Aspecto da página da etapa 1	37
Figura 7.4: Aspecto da página da etapa 2	37
Figura 7.5: Aspecto da página da etapa 3	38
Figura 7.6: Aspecto da página da etapa 4	38
Figura 7.7: Aspecto da página da etapa 5	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1: Síntese das formas de comunicação ao longo da história	14
--	----

1 INTRODUÇÃO	10
2 USO DE MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO	13
3 ENSINO DE GEOGRAFIA E O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS	18
4 A <i>WEBQUEST</i> COMO ESTRATÉGIA DE PESQUISA EM AULA	22
4.1 Webquest: conceito e histórico	22
4.2 Por que usar Webquest no ensino?	24
4.3 Algumas Experiências que Envolvem o Uso da Webquest no Ensino	26
5 METODOLOGIA	29
6 CONTEXTO DA ESCOLA E DOS ALUNOS	31
7 ELABORAÇÃO DA <i>WEBQUEST</i>	34
8 ANÁLISE DOS RESULTADOS	40
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA, O USO DA <i>WEBQUEST</i> E O PAPEL DO PROFESSOR	42
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE 1: QUESTIONÁRIO PARA DIAGNÓSTICO DO USO DE MÍDIAS PELOS ALUNOS	51

1 INTRODUÇÃO

A geografia tem como um dos seus objetivos tornar a complexidade do mundo compreensível e passível de transformações. Como destacam os Parâmetros Curriculares Nacionais, o estudo da geografia “proporciona aos alunos a possibilidade de compreenderem sua própria produção no conjunto de interações entre sociedade e natureza” (BRASIL, 1998, p.26). A aquisição de competências geográficas e a leitura do mundo implicam em um processo permanente de decodificação de mensagens, de articulação e contextualização das informações.

A evolução das comunicações de massa está diretamente associada à evolução da humanidade. As aprendizagens e as estruturas sociais ao longo das gerações são mediadas pelas tecnologias disponíveis em cada época, que não somente lhes dão suporte instrumental, mas são elemento estruturador das relações humanas. Não é à toa que as eras pré-históricas foram denominadas pelas ferramentas descobertas e popularizadas nos períodos: Era da Pedra Polida, Era da Pedra Lascada, etc. (KENSKI, 2003). Atualmente, não apenas se utilizamos novas tecnologias, mas a visão de mundo do indivíduo, seu comportamento, a maneira como interage com o ambiente à sua volta é determinada pelo seu grau de inserção na sociedade digital.

Os meios de produção (e de comunicação) historicamente estiveram sob o domínio de uma parcela muito pequena da população, que detinha, produzia e veiculava os conteúdos através, principalmente, das mídias impressas, do jornal e da televisão. O desenvolvimento das novas tecnologias, especialmente da Internet, permitiu o barateamento e o acesso muito mais facilitado da comunicação de massa. Esse empoderamento dos meios de comunicação por parcelas maiores da população repercute também escola.

A educação escolar precisa cumprir o papel de apropriar-se e agregar as novas tecnologias (televisão, rádio, Internet, por exemplo) às suas práticas. Utilizando-se dessas diferentes linguagens como instrumentos de comunicação e formação, a escola pode mediar o uso que os estudantes fazem daquilo que é

veiculado pelas mídias digitais, promovendo a decodificação, análise e interpretação dessas informações e propiciando o desenvolvimento de habilidades e competências importantes para a vida na sociedade atual. É função da escola ensinar o aluno a ler esse mundo também por meio das várias mídias, sabendo lidar com os novos instrumentos para essa leitura.

Para dar conta dessa complexidade, o ensino de geografia deve se valer de procedimentos e práticas pedagógicas que extrapolem a cópia e a memorização. Para tal, o uso de variadas mídias digitais, analógicas e audiovisuais pode estar a serviço de práticas que envolvam o registro, a descrição, a formulação de hipóteses, a problematização, a representação e a pesquisa dos fenômenos que atuam no espaço geográfico. Enfim, quanto mais plurais forem os pontos de vista a que os estudantes tiverem acesso sobre determinado tema, mais próximos eles vão estar de compreender esses conteúdos tratados pela geografia.

Diante do contexto apresentado, não há como negar a presença crescente e constante da Internet nas escolas, seja como ferramenta de ensino e aprendizagem, seja como fator de inserção social nos recreios e nos momentos de descontração dos alunos. Diante dessa perspectiva, esse trabalho propõe como problema geral: de que forma o uso da pesquisa na Internet, através da metodologia *Webquest*, pode contribuir com o ensino-aprendizagem de geografia por jovens de 9º ano do ensino fundamental? Busca, portanto, discutir o uso da *Webquest* como alternativa de pesquisa qualificada na Internet a serviço do ensino de geografia.

Concluindo, essa monografia tem o objetivo geral de discutir como se dá a aprendizagem na Internet através da metodologia *Webquest* no desenvolvimento e apropriação de conceitos geográficos em turmas de 9º ano do Ensino Fundamental de escola pública municipal de Porto Alegre, RS. Para tal, serão considerados os seguintes objetivos específicos:

- Revisar a literatura especializada a respeito do ensino de geografia e do uso das novas tecnologias em educação, com ênfase na Internet e na metodologia *Webquest*.
- Elaborar uma *Webquest* considerando os pressupostos trazidos pelo

referencial teórico sobre o ensino de Geografia, sobre a elaboração de uma *Webquest* e as recomendações dos planos de estudos da Escola e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998);

-Determinar aspectos negativos e positivos do uso da *Webquest* como forma de pesquisa em geografia, comparando-a com práticas tradicionais de ensino e com outras formas de pesquisa na Internet.

2 USO DE MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO

As mídias são definidas como sendo o conjunto de ferramentas ou canais utilizados pelo homem ao longo do tempo para o armazenamento, transmissão e comunicação de informações (KAMPFF, 2007; FREIRE, 2011). Assim, o quadro negro e o giz são mídias, bem como o livro didático, os textos xerocados, jornais e revistas. Como se discutirá ao longo desse trabalho, as mídias digitais, como o computador e a Internet, contribuem com o ensino em razão de suas características que permitem redirecionar a prática docente, propiciando que os alunos ampliem o olhar para abranger diferentes sistemas de conhecimentos e de significados, maneiras distintas de compreender, interpretar e reescrever o mundo, a sociedade e a si mesmos enquanto indivíduos.

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação. (PERRENOUD, 2000, p.126).

As transformações no tempo e no espaço das sociedades humanas ocorrem a partir dos comportamentos, das ações e das atitudes individuais e coletivas. As tecnologias, construções sociais e técnicas cujos usos e aplicações são definidas pela atuação dos sujeitos com que interagem, modificam e são modificadas por essas sociedades.

É importante não esquecer que as tecnologias com a qual agimos e interagimos possuem uma história, se desenvolveram também de outras tecnologias, influenciadas e influenciando íntima e profundamente as sociedades ao longo do tempo. Entretanto essas transformações eram mais lentas, quase imperceptíveis. Assim, a tecnologia atual não é só resultado da inteligência da ciência contemporânea, mas é antes um “eco” do que vem sendo desenvolvido ao

longo do tempo.

Essas mudanças em movimento contínuo têm gerado diferentes formas de representar e considerar o conhecimento, a partir, sobretudo, das tecnologias disponíveis nos diferentes estágios socioculturais. Pode-se distinguir baseado em Freire (2011) a história da civilização em tradicional, industrial e eletrônica, cada uma com características distintas, como demonstra o quadro:

Tabela 1.1: Síntese das formas de comunicação ao longo da história

CULTURA	TIPO DE COMUNICAÇÃO	ÊNFASE	CULTURA COMUNICACIONAL
<i>Tradicional Rural</i>	<i>Oral</i>	<i>O aqui O agora</i>	<i>Local</i>
<i>Industrial (depois de Guttemberg)</i>	<i>Escrita</i>	<i>Cadeia linear Anseio pelo futuro</i>	<i>De massa</i>
<i>Eletrônica</i>	<i>Simbólica</i>	<i>Onipresença Descontinuidade Interatividade</i>	<i>Digital</i>

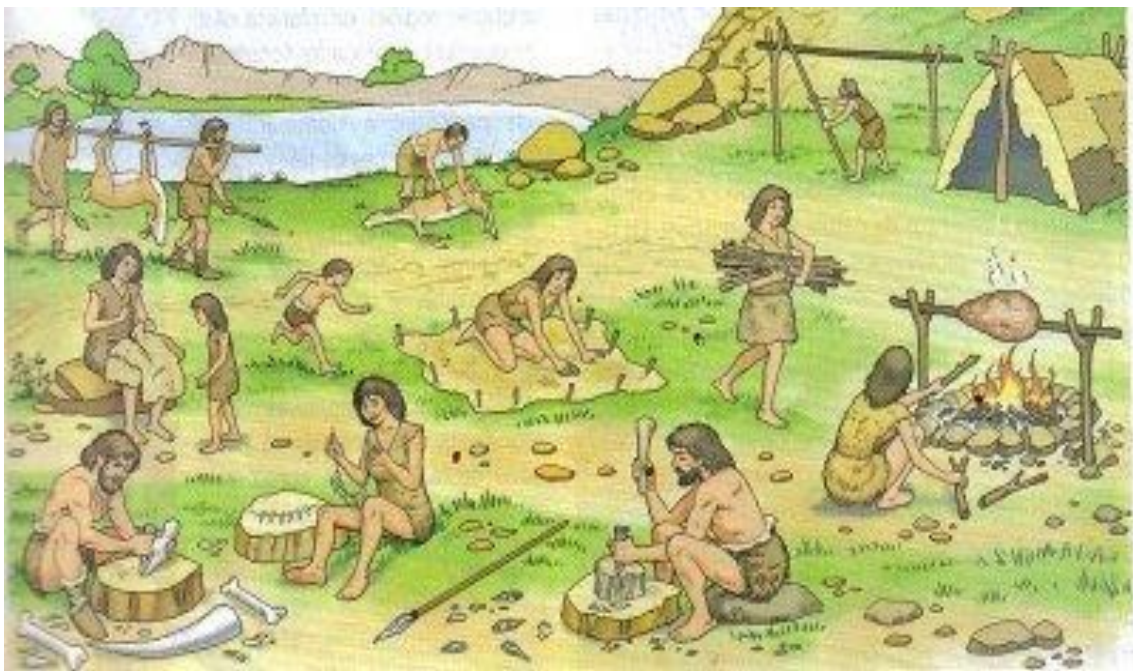
Fonte: Freire (2011, p.103).

Esse autor, sintetizando o trabalho de Alvin Toffler (1995), em seu livro “A terceira onda”, explica que as sociedades dos primórdios aos dias atuais comportam-se em “ondas civilizatórias” que assim como as ondas marinhas sofrem avanços e retrocessos através da história. A primeira onda seria a Era Agrícola, onde o poder estava na mão de quem tivesse a propriedade da terra e onde poucos privilegiados eram letrados e a cultura e os conhecimentos eram passados oralmente de uma geração para a outra. Já a Era Industrial seria a segunda onda, caracterizada pela produção em série dos produtos e também das informações, através do advento da TV e do rádio. Nessa onda, os conhecimentos e a cultura são compartilhados através de mídias de massa e da escola, principalmente.

Finalmente, a terceira onda se refere à Era Digital, onde as pessoas não

apenas consomem informações, mas também produzem e as propagam através de *blogs*, redes sociais, entre outros. Essa última onda tem na interatividade um conceito chave. A escola nessa nova Era deve implementar ações interdisciplinares e inovadoras, que favoreçam a autonomia dos alunos e que contem com a mediação e orientação do professor.

Figura 1.1: Tecnologias modificando as sociedades humanas no Período Neolítico



Fonte: <<http://tempodoronca.blogspot.com.br/2008/04/os-neolticos-tambm-chamados-de-idade-da.html>>.

Paulo Freire defende que se deve educar, antes de tudo, a partir da vivência e experiência do educando, posto que é a “(...) leitura do mundo que precede sempre a leitura da palavra”(FREIRE, 2007,p.81). Dessa forma, a escola não pode manter-se alheia ao contexto sociocultural dos estudantes, imersos em uma realidade cada vez mais digital, interativa e com a presença das mídias.

A educação deve se organizar e se reorganizar de acordo com as características dessa sociedade em rede, da globalização da economia e da virtualidade, às quais produzem novas e mais sofisticadas formas de exclusão. Não atentar para essas características e não contribuir para que os alunos dominem

essas novas ferramentas tecnológicas geram uma nova forma de exclusão: a digital. Essa exclusão, somada a outros direitos negados em áreas de vulnerabilidade social, dificulta a esses estudantes a melhoria de suas qualidades de vida. Afinal, esse não acesso às tecnologias inviabiliza suas inserções qualificadas no mundo do trabalho e da interação social, para possam usufruir das facilidades do meio técnico-científico-organizacional (SANTOS, 2002).

Prensky (2001) chama de "Nativos Digitais" a geração de alunos que cresceram utilizando as novas tecnologias, sendo por isso "falantes nativos" dessa forma de linguagem. Já aqueles que aprenderam posteriormente (como muitos professores) são "Imigrantes Digitais", e por serem imigrantes possuem um "sotaque" que se manifesta no uso das tecnologias digitais mantendo um raciocínio ainda analógico. Para esse autor o maior problema na educação hoje é que os professores "imigrantes digitais" têm a incumbência de ensinar os "nativos" que utilizam uma linguagem muito diferente.

Vale destacar que o que diferencia os "nativos" dos "imigrantes digitais", para esse autor, não é a idade, mas o contato com as novas tecnologias. Assim, alunos de mesma faixa etária, mas com acessos diferentes às inovações tecnológicas, podem ser "imigrantes" ou "nativos" nessa linguagem. Devido à desigualdade social em nosso país, existem jovens "nativos", "imigrantes" e, finalmente, "excluídos" digitais.

É na apropriação crítica das novas tecnologias e na busca por compreender seus instrumentos e dinâmicas de mobilização que os jovens podem fortalecer suas autonomias, garantindo suas emancipações. Afinal, essas características do meio técnico-científico-organizacional (SANTOS, 2002) e as contradições da sociedade atual no que diz respeito ao acesso às tecnologias, modificam o cotidiano, afetando a forma como as pessoas se comunicam, trabalham, se relacionam, aprendem e ensinam. Sobre isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) destacam que o

[...] mundo vive um acelerado desenvolvimento, em que a tecnologia está presente direta ou indiretamente em atividades bastante comuns. A escola faz parte do mundo e para cumprir sua função de contribuir para a formação

de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania, participando dos processos de transformação e construção da realidade, deve estar aberta e incorporar novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas. (BRASIL, 1998, p. 138).

É importante frisar que pensar a educação hoje, considerando as transformações tecnológicas das últimas décadas, não permite somente adaptar procedimentos ultrapassados do meio analógico para o meio digital. A educação escolar em geral permanece embasada nos atributos valorizados nas sociedades orais e escrita (memorização, repetição, compreensão, análise) e pouco se inseriu nas necessidades da atual sociedade digital: síntese, simulação, compartimentação, novas percepções e sensibilizações (KENSKY, 2003).

O valor de fato de uma ferramenta educacional depende da aplicação que a ela é dada. Elas são subsídios do processo educativo e devem estar a serviço dele, subordinadas ao caminho planejado pelo educador para esse processo. A modernização das tecnologias em educação (ou seja, o uso da Internet, filmes, objetos educacionais e outras mídias modernas) fez com que alguns professores acreditassem que sozinhas elas poderiam melhorar a aprendizagem dos alunos, o que não se confirmou. A tecnologia precisa ter um propósito pedagógico claro e coerente aos objetivos que o professor estabelece para a aprendizagem dos alunos. Por isso, se admite esse avanço tecnológico como um meio para alcançar um processo educativo mais eficaz dependendo da mediação do professor. Dessa forma, a

[...] adoção de plataformas, aulas e objetos educacionais digitais (vídeos, games, objetos, redes sociais, aplicativos, etc.) podem contribuir para que cada aluno desenvolva habilidades e competências compatíveis com novas demandas sociais, construindo um percurso próprio de aprendizagem, no seu ritmo e a partir das suas necessidades, construa experiências de aprendizagem coletivas e colaborativas, potencialmente reformulando espaços e tempos escolares e ampliando o papel do professor como mediador de conhecimento. (LIMA, 2014, p.76).

3 ENSINO DE GEOGRAFIA E O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS

De forma simplificada, pode-se dizer que a geografia cumpre na escola o objetivo de propiciar o pensar e refletir o espaço geográfico nas suas diversas escalas, relacionando natureza e sociedades humanas, compreendendo relações regionais, locais e globais com a ajuda de imagens, leituras, fotos, vídeos e pesquisas. Ou ainda, pode-se dizer que cabe à geografia desenvolver um olhar crítico e questionador a respeito do espaço geográfico, permitindo que o aluno perceba que seu bairro, seu país, sua comunidade, etc., constituem-se na inter-relação entre o meio físico e as atividades humanas (com suas intencionalidades, especificidades e características econômicas, sociais e culturais) e que se modificam ao longo do tempo.

As aulas de geografia devem oportunizar aos estudantes a tomada de consciência das práticas sócio-espaciais suas e dos variados agrupamentos humanos, bem como a maneira como se espacializam coisas e fenômenos. Ou ainda como bem define Filizola (2009) para quem a geografia deve lidar com a espacialização, frisando aspectos como:

-Onde? /-Por que aqui e não em outro lugar?
 -Como é esse lugar? /-Por que esse lugar é assim? /-Por que os espaços geográficos se dispõem dessa maneira no espaço?/-Qual o significado e o sentido desse ordenamento espacial? /-Quais os impactos gerados pelas localizações e pelos ordenamentos espaciais na vida das pessoas e dos lugares? (FILIZOLA, 2009, p. 21).

Kaercher (2014) destaca que a geografia precisa dialogar com o mundo real, extrapolar o objetivo ingênuo de abastecer mentes com informações para suposta utilização futura. Enfatiza a necessidade de uma geografia para a vida.

Estar alfabetizado em geografia significa relacionar espaço com natureza, espaço com sociedade, isto é, perceber os aspectos econômicos, políticos e culturais, entre outros, do mundo em que vivemos. [...] Que assuma um posicionamento crítico com relação às desigualdades sócio-espaciais. (KAERCHER, 2014, p.81).

A geografia escolar deve oportunizar o desenvolvimento de habilidades cognitivas e a aquisição de conceitos que, associados, deverão desenvolver no aluno a autonomia para a resolução de questões espaciais. O espaço geográfico, entendido aqui como o palco onde as pessoas vivem e se relacionam, tem suas transformações divulgadas, analisadas e discutidas pela Internet. Na mesma medida, a Internet tem o potencial de também interferir no espaço, como o verificado nos recentes episódios da chamada “Primavera Árabe” e das manifestações no Brasil nos últimos anos, convocadas pelas redes sociais.

Por tais motivos, não é assertivo contrapor a influência midiática e da Internet nas aulas de geografia. Deve-se antes reconhecer o papel da escola e do professor de desenvolver a capacidade nos estudantes para que percebam a intencionalidade das mensagens exibidas pelos meios de comunicação, estabelecendo relações entre o que é trabalhado em sala de aula e os conhecimentos que eles já possuem dos assuntos.

[...] Ao associarmos as TIC ao ensino e aprendizagem de geografia, é possível vislumbrar uma grande variedade de aplicações navida real, entre elas pode-se destacar: o suporte à tomada de decisão, comunicação em tempo real com os acontecimentos mundiais, propor soluções ambientais e espaciais de uma maneira realmente efetiva e contextualizada. Lembre-se que, como recurso didático, também, deve-se ter o cuidado de analisá-las para que se veja sua compatibilidade como usuário e o plano pedagógico da disciplina em questão. (MUSSOI, 2006, p. 60).

Em outras palavras, aprender geografia é desenvolver modos de pensar por meio de seus conteúdos, não é memorizar informações sobre o que foi estudado. Assim, as tecnologias envolvidas no ensino (lápiz, quadro, filmes, computador, etc.) devem ser utilizadas a serviço do desenvolvimento de habilidades de análise do espaço geográfico, permitindo que o aluno elabore estratégias de apropriação e entendimento da realidade. Dessa forma constroem-se significados para os conteúdos geográficos com o auxílio das novas tecnologias.

Pontuschka (2009), ao discutir o ensino de geografia, destaca que é esse tratamento da informação dada pelo professor que o transforma em conhecimento.

Assim, o

[...] professor tem um papel importante nesse processo, como mediador entre o aluno e a informação recebida, promovendo o “pensar sobre” e desenvolvendo a capacidade do aluno de contextualizar, estabelecer relações e conferir significados às informações. (PONTUSCHKA *et al.*, 2009, p.262).

Cavalcanti (2012) também sobre a didática em geografia enfatiza o cuidado que o professor deve ter em evitar o que ela chama de “empirismo sensualista”, ou seja, àquele que se limita ao que é raso e imediato, perdendo a oportunidade de aprimorar nos alunos, pelo pensamento teórico, conceitos significativos e profundos, que os ajudem a pensar e relacionar-se com o mundo de forma mais ampla e complexa. Enfatiza que, ao ficar restrita à proporcionar aulas “diferentes”, como descrito no trecho abaixo, a utilização pelo professor das novas tecnologias pode não fazer uso das vantagens desses recursos como forma de qualificar a aprendizagem em geografia.

Há trabalhos que propõem metodologias “alternativas”, por exemplo, com o uso de diferentes linguagens (música, poesia, charge, cinema, vídeo, cartografia), de desenhos, mapas mentais e representações, de recursos tecnológicos (computador, jogos digitais, geoprocessamento), todos “antenados” com o mundo e com as formulações contemporâneas sobre os processos cognitivos. [...] No entanto, as ficarem restritos à sensibilização dos alunos, podem não explorar todo o potencial desses recursos e não levar os alunos a pensar sobre os conteúdos, a pensar a realidade por meio dos conteúdos. (CAVALCANTI, 2012, p.147).

Dessa forma, não basta que as questões a serem respondidas de forma mecânica, sem estabelecer relações, deixem de ser feitas a partir da cópia do quadro ou do livro didático e sejam realizados a partir de um texto no computador. Ou que as atividades de simples memorização não sejam realizadas no caderno, mas através de algum jogo colorido e interativo na Internet. Sem cuidados ao pensar nas aulas de geografia corre-se o risco de vê-las transformadas em um elenco de curiosidades e ilustrações que pouco desenvolvem o raciocínio, mas ocupam o

tempo de aula de modo, muitas vezes, até divertido para os alunos. É preciso, antes de fazer uso das tecnologias educacionais em geografia, reinventar e ressignificar as estratégias educacionais, enfrentando os desafios da emergência desse novo aluno nessa nova realidade.

A verdadeira incógnita é saber se os professores irão apossar-se das tecnologias como um auxílio ao ensino, para dar aulas cada vez mais bem ilustradas por apresentações multimídia, ou para mudar de paradigma e concentrar-se na criação, na gestão e na regulação de situações de aprendizagem. (PERRENOUD, 2000, p.137).

Ao utilizar as novas tecnologias em suas aulas, o professor deverá primeiramente dominar o conteúdo ou conceito a ser trabalhado e possuir uma postura docente democrática para viabilizar que cada estudante possa conduzir sua aprendizagem, independente das tecnologias. Assim as tecnologias podem contribuir para aprendizagens significativas conforme for à mediação que o professor fizer destas.

4 A WEBQUEST COMO ESTRATÉGIA DE PESQUISA EM AULA

4.1 *Webquest*: Conceito e histórico

A *Webquest* é uma metodologia de pesquisa desenvolvida pelo professor de Tecnologia Educacional da *San Diego University* Bernard Dodge em 1995, após um imprevisto em uma de suas aulas (SALATESKI; PEREIRA, 2007). Ao tratar de um programa de simulação com um grupo de futuros professores em tecnologias percebeu que não estava com a cópia desse *software* de simulação ou de meios para mostrá-lo, o que inviabilizaria uma aula com esta temática. Como solução, solicitou que a turma, em grupos, coletasse na web informações sobre a temática, avaliasse a ferramenta a ser estudada baseada em informações pesquisadas e tirassem dúvidas por *chat* com um dos donos desse *software*. Após essa ocasião, Dodge organizou as atividades e constituiu a *Webquest*.

Sobre as características da *Webquest*, complementa-se que ela se constitui por uma quantidade determinada de etapas, a saber:

- 1) uma introdução que prepare o "palco" e forneça algumas informações de fundo;
- 2) uma tarefa factível e interessante;
- 3) um conjunto de fontes de informações necessárias à execução da tarefa. Muitos (não necessariamente todos) dos recursos estão embutidos no próprio documento da *Webquest* em forma de 'âncoras' que indicam fontes de informação na Web. As fontes de informação podem ser: especialistas disponíveis via e-mail ou conferências online, base de dados pesquisáveis na rede, livros e/ou documentos, arquivos acessíveis no ambiente de aprendizagem ou trabalho dos participantes;
- 4) uma descrição do processo que os aprendizes devem utilizar para efetuar a tarefa. O processo deve estar dividido em passos claramente organizados e descritos;
- 5) alguma orientação sobre como organizar as informações adquiridas. Isto pode aparecer sob a forma de questões orientadoras ou como direções para completar as metas estabelecidas no prazo;
- 6) uma conclusão que encerre a investigação, demonstre aos alunos o que eles aprenderam e, talvez, os encoraje a levar a experiência para outros campos não explorados dentro da WQ. (DODGE apud SILVA; BOTTENTUIT, 2014, p.04).

A edição especial da Revista Nova Escola (2012), intitulada *Guia de Tecnologias na Educação*, traz uma síntese do que é e de como o professor deve construir a *Webquest*:

Figura 4.1: Etapas para a criação de uma *Webquest*

PASSO A PASSO

Como criar um Webquest

MARKCELO BACARI

1 O QUE É



O professor norte-americano Bernie Dodge a define como uma investigação em que a informação vem da internet. Verifique se essa proposta se adequa à sua forma de trabalho.

2 TEMA



Esja um conteúdo ligado ao currículo do ano em que está atuando. Mas, antes de decidir, navegue pela internet para ver se existem boas fontes de informação sobre ele na rede.

3 FONTES



Selecione algumas das referências encontradas na internet, entre elas sites, livros digitais, vídeos, jornais e entrevistas, para apoiar a pesquisa dos alunos.

4 ESTRUTURA



Elabore a tarefa. Proponha algo novo, um desafio para ser enfrentado com base na pesquisa. Evite propor atividades comuns a outros momentos, como seminários.

5 NO AR!



Crie um site ou um blog com a descrição do percurso a ser seguido pelos alunos e nele explique a forma de avaliação. Um dos serviços gratuitos para isso é o criarsites.com.

6 EXECUÇÃO



Destine um intervalo de cerca de cinco aulas para a conclusão da sequência e a apresentação do produto final. Na sala de aula, tire as dúvidas, estimule e garanta a cooperação.

FONTE ESCOLA DO FUTURO DA USP, SENAC SÃO PAULO E WEBQUEST.ORG
CONSULTORIA JARBAS NOVELINO BARATO, DOUTOR EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

Assim, a *Webquest* pode ser descrita como uma metodologia onde quase todos os recursos utilizados para a pesquisa são provenientes da própria *web*, compreendendo assim uma série de atividades didáticas de aprendizagem que se utilizam das informações provenientes da rede de computadores e outras fontes, como textos, charges, fotografias, mapas, digitados ou escaneados para gerar novos conhecimentos.

4.2 Por que usar a *Webquest* no ensino?

Inclusão digital é, principalmente, alfabetização digital. Ou seja, é desenvolver no indivíduo habilidades para que ele possa interagir e circular no mundo das mídias digitais como consumidor e como produtor de seus conteúdos e processos. Como já dito nesse trabalho, privar os alunos do acesso e da utilização dessas tecnologias é contribuir para o aumento do abismo técnico, cultural e educativo entre a parcela da população dotada de acesso universal a tudo o que o processo de globalização trouxe de benesses daqueles aos quais quase tudo é negado.

Os computadores conectados em rede e softwares são instrumentos técnicos imprescindíveis nas escolas atualmente, mas não garantem resultados na aprendizagem de alunos. Acreditar que eles por si só oportunizem a aprendizagem é o mesmo que crer que o quadro, o giz e o livro oferecidos em sala de aula garantam a escolarização e o crescimento cognitivo das turmas. Faz-se necessário o embasamento teórico do professor, o rigor metodológico, a adequação das tecnologias a serem utilizadas em aula.

A utilização dos computadores e da Internet na educação foi sintetizada por Kampff ressaltando que sua contribuição

[...] diz respeito a qualificar o ensino e a aprendizagem. Por meio de recursos de multimídia, o atendimento às múltiplas inteligências é favorecido. Com sistemas de simulação, é possível levantar e testar hipóteses. Utilizando ferramentas de colaboração, o conhecimento é construído coletivamente e torna-se maior do que a simples soma dos conhecimentos isolados de cada participante. (KAMPFF, 2007, p.35).

Para a utilização da Internet no ensino é necessária a mudança de postura do professor, que deve capacitar os alunos para a construção do conhecimento, sendo um personagem instigador, mediador e provocador no processo de ensino-aprendizagem. Por ser do agrado dos alunos, que encaram as aulas através da Internet como entretenimento, pode o professor usar essa postura mais receptiva e esse estado mental para facilitar a aprendizagem com mais participação, disposição e interesse dos estudantes.

Os cuidados em relação ao planejamento e orientação do professor para a pesquisa na Internet são os mesmos a ser tomados em meio analógico, acrescidos das dificuldades propiciadas pela enorme quantidade de informações e fontes disponíveis na *web*. Orientar os alunos para distinguir quais fontes atendem às finalidades do estudo e identificar as intencionalidades por trás de cada autoria também são função da geografia e da escola como um todo.

A *Webquest* é uma possibilidade de, através de etapas elaboradas de forma criteriosa, propiciar o uso de habilidades distintas da cópia e memorização. Dessa forma o aluno terá oportunidade de relacionar, classificar, identificar, selecionar, tirar conclusões através de uma ferramenta eficiente e também atrativa. Seu uso se justifica também, pois ameniza um dos riscos ao utilizar a Internet: os alunos diante de tantas opções de fontes, de busca, de navegação sedutora podem dispersar-se em conexões, textos, imagens que se sucedem.

É necessário, portanto, salientar que quando o professor utiliza a Internet como mera ferramenta, pode “cair” no problema de os alunos apenas navegarem desconectados dos objetivos das atividades e com dificuldade de escolher as informações úteis e/ou confiáveis. (PEREIRA; MESQUITA, 2012, p.3).

Citando Leão e Souza, os autores prosseguem enfatizando o uso da *Webquest* em detrimento de formas livres de pesquisa na Internet.

Nessa perspectiva, a *Webquest* torna-se uma importante metodologia alternativa de ensino a partir do uso da Internet, pois: [...] a *Webquest* procura ir além da simples pesquisa na Internet, mas pretende ser uma

estratégia integradora dos diversos recursos multimídia, das atividades manuais e de tarefas experimentais as mais diversas, de forma orientada e que encorajem a capacidade do pensamento em níveis elevados de conhecimento. [...] uma *Webquest* é uma atividade didática que promove uma tarefa atrativa e executável para os alunos e um processo a ser realizado, durante o qual os alunos lidem com a informação no sentido de analisar, sintetizar, compreender, transformar, criar, julgar, avaliar, publicar e compartilhar. (LEÃO; SOUZA apud PEREIRA; MESQUITA, 2012, p.3).

A *Webquest* precisa agregar elementos que incentivem a pesquisa como princípio educativo e a contextualização entre o conhecimento e a realidade do aluno, o mapeamento da informação e a transformaçãocrítica da informação mapeada em conhecimento; o diálogo e a autoria entre os alunos. Vale ressaltar que o uso da *Webquest* ou de metodologias similares só tem razão de ser se o uso da Internet como fonte efetiva de construção do conhecimento for incentivada. Utilizá-la somente como plataforma de acesso a textos ou imagens estáticas e a questões meramente de consulta e reprodução seria desperdiçar o recurso e “vestir” de inovadora uma prática tradicional e cotidiana. Usar a Internet somente para copiar e buscar informações estanques é dar um aspecto bonito e moderno para práticas algumas vezes desnecessárias e inadequadas. Como em qualquer pesquisa, a que utiliza a Internet como fonte de consulta deve superar a mera reprodução livresca e não pode realizar-se de forma improvisada ou com o planejamento precário do professor.

4.3 Algumas experiências que envolvem o uso da *Webquest* no ensino

Iniciativas de uso da metodologia *Webquest* em sala de aula estão documentadas em artigos e trabalhos acadêmicos. As autoras Radaellie Fruet (2011), pesquisaram sobre o uso da atividade online (*Webquest*) por alunos de 5º ano do Ensino Fundamental, em Cruz Alta/RS. No estudo esses alunos atuaram como monitores de colegas de 3º ano no uso da *Webquest* elaborado pelos professores. Analisando os resultados da experiência concluíram que os alunos

monitores mostraram-se motivados com a atividade e julgaram a tarefa desafiadora.

Também sobre o uso da *Webquest*, Silva e Bottentuit Jr. (2014) usaram a ferramenta para as aulas de literatura no Ensino Médio em escola pública (em São Luís, no Maranhão) tendo como tema a vida e obra de Clarice Lispector¹. Chamam a atenção para o fato de que a atividade é desafiadora também para o professor que seleciona os conteúdos e executa com a turma a metodologia. Dessa forma, "garimpar" os materiais que compõem as etapas da *Webquest* também mobiliza os docentes e os estimula a produzirem e se apropriarem de seu material didático. Perceberam também os alunos bastante motivados e empenhados com a resolução das tarefas da *Webquest*.

O trabalho de Salateski e Pereira (2010) se debruça sobre a qualificação do professor de escolas públicas para a elaboração de *Webquest*, através de curso de formação e a posterior aplicação da metodologia em alunos de Ensino Médio. Destacam que além de estimular o professor como autor que publica na web seu próprio material pedagógico, a *Webquest* favorece também uma demanda por soluções que associa qualidade pedagógica ao uso da Internet na escola. Já os alunos relataram nesse estudo que aprenderam um com o outro, sem tanto auxílio dos professores, de forma cooperativa. Concluem que para a elaboração e aplicação da *Webquest* na escola esta deve estar provida de mecanismos que estimulem os professores a assumirem a autoria dos materiais didáticos utilizados em aula, elaborando tarefas que levem à construção do conhecimento e não a sua mera reprodução.

Sobre os usos da *Webquest* pelo aluno, Silva e Ferrari (2009), em pesquisa com alunos de 6ª série de escola privada em Uberlândia, enfatizam que a ferramenta é um fator potencializador para alavancar a proposta do projeto trabalhado (no caso um Jornal Virtual), pois possibilita aos alunos um processo autônomo de busca e apropriação do conhecimento. Os autores lembram também que o uso de novas tecnologias nunca é fácil para educadores que acreditem que o

¹Escritora brasileira, falecida em 1977.

papel do professor seja o de transmissor de conhecimento e que o aluno seja passivo no processo de aprendizagem. Destacaram também que os alunos poderiam ter acesso a *Webquest* fora da escola, ampliando suas possibilidades de uso.

5 METODOLOGIA

O estudo aqui proposto se baseia na discussão integrada entre a prática docente e a revisão bibliográfica desse trabalho. Concomitante a pesquisa bibliográfica sobre a temática que apoia esse projeto, a prática docente será exercitada, refletida e avaliada, considerando o referencial teórico pesquisado, o currículo da escola e da disciplina e os resultados obtidos pelos alunos ao final de cada etapa. Pode ser ilustrada através do esquema abaixo:

Figura 5.1: Síntese da metodologia do trabalho.



Fonte: Própria autora.

Sobre a relação entre a teoria e a prática, Cavalcanti (2012) destaca:

Pensar na teoria e na prática como duas dimensões indissociáveis da realidade, não necessariamente realizadas em lugares e por pessoas diferentes; analisá-las de modo articulado a outras dimensões da realidade social, já que são práticas sociais, e são influenciadas por elas, como a cultural e a econômico; não personificar a ação da teoria ou da prática, o que os professores fazem. (CAVALCANTI, 2012,p.87).

A metodologia para a elaboração desse trabalho pode ser assim resumida:

1) Revisão bibliográfica: abrangendo a leitura de livros, periódicos, artigos de divulgação científica, monografias, dissertações e teses sobre o tema.

- Caracterização e histórico das mídias digitais no ensino, com ênfase na Internet e na metodologia *Webquest*;

- Concepções contemporâneas sobre o ensino de geografia;

- Articulação entre mídias digitais e o ensino de geografia.

2) Contexto da escola e dos alunos: determinado *in loco* na escola pesquisada e através do Plano Político Pedagógico da mesma. O diagnóstico da utilização da Internet pelos alunos, dos seus acessos e daquilo que já fizeram na escola com o uso da *web*, foi feito a partir de questionário (APÊNDICE 1).

3) Elaboração da *Webquest*: feita pela professora a partir dos pressupostos levantados na revisão bibliográfica e dos objetivos em geografia para 9º ano, descritos nos planos de estudos da escola e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

4) Análise dos resultados: os usos da metodologia *Webquest* será discutida e contextualizada a partir da avaliação pela professora da pertinência e das limitações da ferramenta através da observação *in loco* e auto avaliação da prática docente no trabalho com essas ferramentas.

6 CONTEXTO DA ESCOLA E DOS ALUNOS

A escola pública da Rede Municipal de Porto Alegre onde se realizou a pesquisa fica em uma comunidade bastante carente de recursos e infraestrutura. Parte da comunidade escolar habita em bairro popular bastante antigo e igualmente empobrecido. Outra grande parcela dos alunos mora em um conjunto habitacional recém-construído, um reassentamento proveniente da retirada de centenas de famílias das proximidades do Aeroporto Internacional Salgado Filho/Porto Alegre, quando da necessidade de sua ampliação.

Esse agrupamento, que constituía nessa época uma ocupação irregular, foi atraído para a região do aeroporto pela grande quantidade de fábricas de caixas de madeira e de papelão que existiam na área e que lhes garantia renda através da reciclagem. Após a ocupação, outros grupos instalaram-se no local em razão da oferta de trabalho, mas, com a diminuição da demanda de atividades, muitos passaram a trabalhar de maneira informal, principalmente com a triagem de resíduos.

Devido à precariedade das condições de habitação e por que as atividades de reciclagem geravam acúmulo de lixo que atraía aves de rapina (causando riscos aos aviões) essas famílias receberam casas de alvenaria nas proximidades da escola. Essa comunidade ainda está se adaptando a nova condição a que estão submetidos.

A escola é uma das maiores da rede municipal de ensino de Porto Alegre, contando com mais de 1500 alunos em três turnos, atendendo a educação infantil e o ensino fundamental completo em turmas regulares e de Educação de Jovens e Adultos (à noite). Possui laboratórios de informática e sala de audiovisual, com televisão, computador e acesso à Internet para uso de professores e alunos.

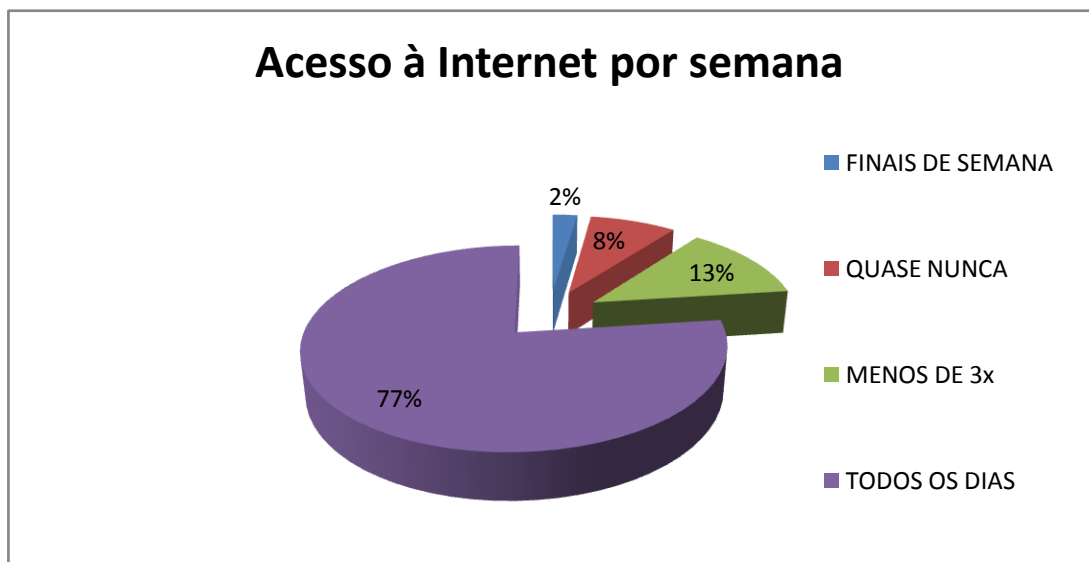
As duas turmas de 9º ano onde esse projeto foi realizado totalizam 60 alunos. São turmas bastante heterogêneas, mas em geral os alunos são participativos, dedicados e se mobilizam quando instigados por algo que os desafie. Suas famílias comparecem na escola quando chamadas por problemas disciplinares e de

aprendizagem, mas não se mostram atuantes na rotina escolar.

Conforme Lima (2014) esses alunos encontram-se em uma fase de transição para a adolescência, onde passam por grandes transformações físicas, cognitivas, sociais e emocionais. Em meio a essas mudanças, esses jovens têm seu mundo escolar e seu conhecimento compartimentado em “matérias” com vários professores, que, preocupados com seus “conteúdos” e seus objetivos pedagógicos, não estabelecem vínculos com os estudantes. Embora esse formato de organização da escola exija autonomia, hábitos de estudo e capacidade de adaptação, esses alunos não tem ainda preparo e maturidade para o desafio, o que acarreta em dificuldades de aprendizagem e relacionamento.

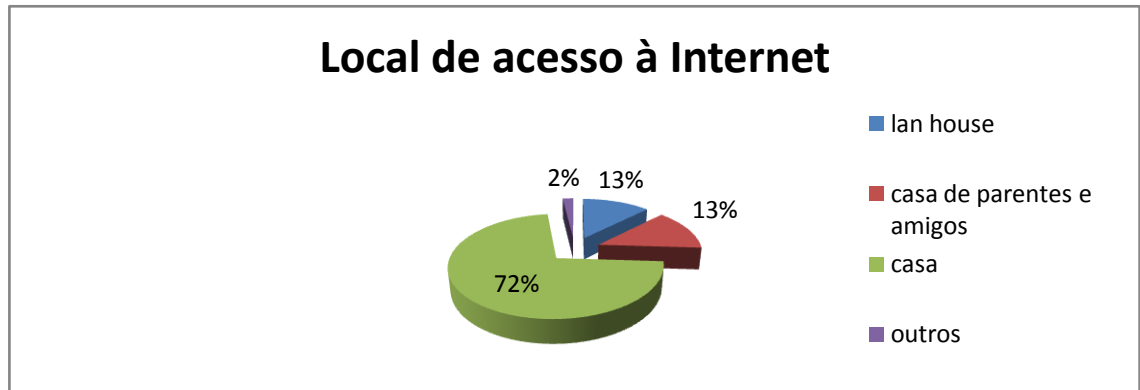
Com base nas respostas do questionário de diagnóstico ficou determinado que, apesar do baixo poder aquisitivo do bairro, 70% dos alunos possui computador em casa, embora nem sempre com Internet. A maioria dos alunos (80%) tem celular com acesso à Internet e a maioria acessa a Internet em casa e diariamente.

Gráfico 6.1: Frequência de acesso à Internet pelos alunos.



Fonte: Arquivo pessoal.

Gráfico 6.2: Local de acesso à Internet pelos alunos.



Fonte: Arquivo pessoal.

Segundo as respostas obtidas no relato do diagnóstico, praticamente todos os alunos possuem redes sociais (*Facebook* e *Whatsapp*, principalmente). No entanto, quando perguntados se os utilizam para assuntos de sala de aula, poucos o fazem. Da mesma forma, poucos professores fazem parte de seus contatos nessa rede e nenhum dos docentes utiliza essas ferramentas como recurso pedagógico.

Na *web*, os alunos acessam o *Facebook*, vídeos no *Youtube* e músicas (usos mais citados). Alguns ainda utilizam para jogar *online* e bem menos jovens citaram usar a *web* para pesquisar (*Google*), ler portais de notícias e aprender sobre temas diversos: inglês, tocar violão, etc.

Todos já utilizaram a Internet para atividades escolares quando solicitados pelos professores, e a grande maioria gostou da experiência. Embora tenham sido citados trabalhos em história, em geografia, português e ciências, um determinado trabalho na disciplina de Artes chama a atenção pela quantidade de alunos que o citaram de forma muito positiva, como se percebe pelas respostas:

Aluno 1: Sim, foi na aula de Artes. O grupo tinha que fazer uma revista e pesquisar o seu assunto e botar na revista. Eu gostei muito.

Aluno 2: Sim, foi legal. Em Artes. O assunto era a gente que criava, era sobre famosos, fazer uma revista em grupo, para entregar. Adorei esse trabalho!

Perguntados se a Internet poderia auxiliar em suas aprendizagens, somente

dois alunos responderam não:

Aluno 3: Pode e não pode ajudar. Se usar com sabedoria, se quiser realmente aprender, sim. Se só ficar nas redes sociais, não.

Aluno4: Não acho. Porque ninguém gosta de fazer pesquisas na Internet. Se colocar as aulas na frente do computador eles vão direto para o *Facebook*.

Interessante frisar que as justificativas desses alunos dizem respeito ao risco da perda de foco ao navegar na Internet, reforçando a necessidade do uso de um roteiro bem estruturado (como a *Webquest*) na realização de pesquisas na *web*.

A imensa maioria concordou que a Internet pode auxiliar, por variados motivos, no processo de ensino-aprendizagem:

Aluno 5: Sim, porque estou sozinho e é muito diferente de uma sala de aula. Me concentro bem mais.

Aluno 6: Mas é claro, aprender inglês, tocar violão, muitas outras coisas. Internet não é só pra entrar no *Facebook*, basta saber usá-la.

7 ELABORAÇÃO DA *WEBQUEST*

Para a elaboração da *Webquest* selecionou-se atividades que cumprissem os aspectos buscados na elaboração dessa metodologia² e também os pressupostos do ensino de geografia³. Foram elaboradas cinco etapas de atividades, além das etapas APRESENTAÇÃO, AVALIAÇÃO e REFERÊNCIAS.

O tema da *Webquest* é a Globalização, previsto nos planos de Estudos da Escola para o início do ano letivo em Geografia do 9º ano. Foi intensamente trabalhado em sala de aula através do uso de outras mídias: música, vídeos, charges, textos, livro didático e fotografia, buscando uma compreensão do fenômeno em si e de suas consequências sobre a realidade dos alunos. Assim, a *Webquest* serviu não para dar conhecimento ou introduzir o assunto, mas para aprofundar e complementar as discussões em aula.

Seguindo os pressupostos teóricos da disciplina e do uso de mídias na educação as etapas da *Webquest* procuram tirar proveito das características da Internet para o desenvolvimento da temática, agregando diferentes recursos e mídias de forma a não contemplar um ensino pautado na memorização e cópia. Busca-se através das etapas a aquisição de informações e a construção de conhecimento sobre a Globalização, desenvolvendo raciocínio através dos conteúdos.

A *Webquest* foi hospedada em site pessoal elaborado anteriormente como tarefa do Curso de Especialização em Mídias na Educação⁴. Além da *Webquest* utilizada nesse estudo, no site encontra-se outra *Webquest* feita também como tarefa para essa pós-graduação e alguns outros materiais para os alunos e sobre a professora.

²Ver capítulo 4

³Ver capítulo 3

⁴ <http://www.professorarubiaborges.weebly.com>.

Figura 7.1: Aspecto da Página Inicial do site.



Fonte: Captura de tela.

Etapa APRESENTAÇÃO: Tem por objetivo introduzir o assunto, relembrar o conceito de Globalização e motivar os estudantes para fazer as atividades. É as “boas vindas” da tarefa.

Figura 7.2: Aspecto da página da Etapa Apresentação.

Alunos e alunas:

Globalização é uma enorme interdependência entre todos os povos, todas as economias, todos os países do mundo e se caracteriza pelos intensos fluxos de PESSOAS, MERCADORIAS, de INFORMAÇÕES e TRANSPORTES.

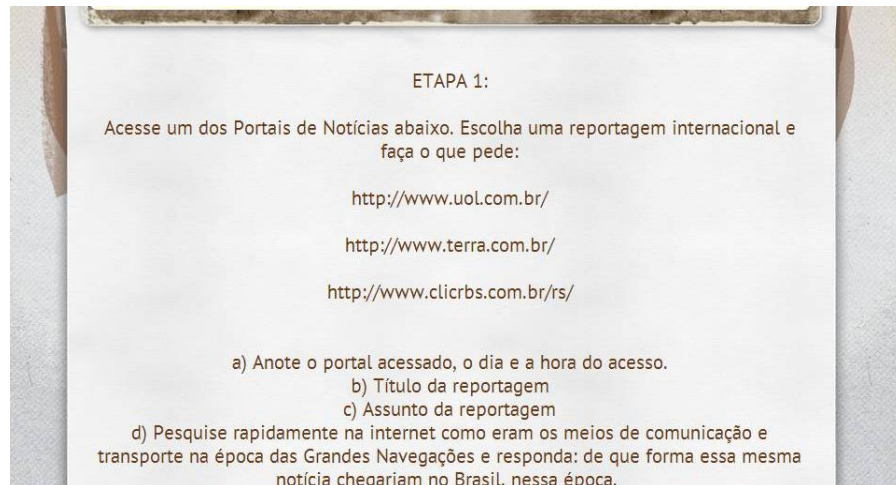
Vocês já perceberam como a GLOBALIZAÇÃO faz parte da vida de todos nós. É um assunto importante e que trata de várias coisas do nosso cotidiano: tecnologia, desigualdade social, consumo, degradação ambiental e cultura. Nesse estudo vamos complementar nossa aprendizagem e aprofundar algumas questões...

MÃOS À OBRA...

Fonte: Captura de tela.

Etapa 1: Retoma a ideia muito trabalhada com as turmas, de que a Globalização se caracteriza também pelo intenso fluxo de informações. Demonstra ainda a íntima relação entre desenvolvimento tecnológico e ampliação do processo de globalização.

Figura 7.3: Aspecto da página da Etapa1.



Fonte: Captura de tela.

Etapa 2: A música “Parabolicamará” de Gilberto Gil foi utilizada em aula para introduzir o conceito de Globalização. Aqui nessa etapa ela deve ser relacionada com a gravura de David Harvey (também trabalhada em aula) para retomar o conceito de Globalização.

Figura 7.4: Aspecto da página da etapa 2



Fonte: Captura de tela.

Etapa 3: Visa rever o conceito de “Localização Flexível” trabalhada em aula. Nela os alunos deverão pesquisar esse conceito e fazer o registro, ler um texto que exemplifica esse conceito e resolver as questões propostas e, finalmente, rever um trecho de um vídeo trabalhado em aula relacionar com aquilo que foi lido.

Figura 7.5: Aspecto da página da Etapa 3.

perguntas... não fornecemos informações sobre a produção, onde... não posso dizer que é realizada no exterior...

A maioria dos operários que produzem sapatos no sudeste asiático é de adolescentes e mulheres jovens. Eles trabalham de 15 a 16 horas diárias. Muitas mulheres vivem em alojamentos, separadas de suas famílias; em alguns casos são virtuais prisioneiras, proibidas de deixar as instalações da fábrica sem um passe especial. O salário mínimo na Indonésia é de 1,80 dólar por dia.

Telefonei para a Nike mais uma vez, na condição de jornalista. Falei com Keith Peters, diretor de relações públicas. Entre longos silêncios, ele disse que não é “economicamente viável”, para a Nike fabricar seus sapatos nos Estados Unidos.

(...)

(Citado no Jornal Folha de S. Paulo, 2/7/1994 – Sally Tisdade, The New Republic)

1- De que assunto esse trata do texto?

2- Aonde são fabricados os tênis consumidos nos Estados Unidos?

c) Reveja esse trecho do "A HISTÓRIA DAS COISAS"

c) A partir da sua resposta sobre LOCALIZAÇÃO FLEXÍVEL, do trecho de "A HISTÓRIA DAS COISAS" e deste último texto, responda:

Porque os EUA produzem e compram tênis na Ásia e não fabricam em seu próprio país? Explique.

Fonte: Captura de tela.

Etapa 4: Objetiva sintetizar o assunto Globalização e relacionar com as questões envolvendo consumo, mídia e meio ambiente vistos nas aulas.

Figura 7.6: Aspecto da página da Etapa4.

ETAPA 4: Assista ao vídeo e faça o que pede:



Elabore um texto descrevendo os elementos que estão sendo mostrados no vídeo e relacionando-os com os conteúdos trabalhados em aula e nesta "WEBQUEST". Não deixe de falar sobre:

- colonização
- urbanização
- consumo
- marketing
- poluição

Fonte: Captura de tela.

Etapa 5: É o momento de interação da *Webquest*. Nele os alunos deverão comentar as charges e também os comentários dos colegas, com a mediação da professora.

Figura 7.7: Aspecto da página da Etapa 5.

Interagindo:

4/27/2015

0 Comments

Faça um comentário sobre as charges abaixo, relacionando com o conteúdo estudado. Não esqueça de assinar seu comentário. Comente também as escritas do seu colegas. Aqui não tem regras, quanto mais conversarmos, melhor! Você também pode mandar outras charges ou imagens que encontrar na internet.

Author

Write something about yourself. No need to be fancy, just an overview.

Archives

Abril 2015

Categories

Todos

 RSS Feed



Fonte: Bill Watterson, Universal Press / Best News, 1996. Adaptado.



Fonte: Captura de tela.

Etapa AVALIAÇÃO: Esclarece os alunos dos critérios para a avaliação da tarefa.

Etapa REFERÊNCIAS: Traz a lista das fontes de onde foram retirados os textos, vídeos, charges, etc., utilizados na *Webquest*.

8 ANÁLISE DOS RESULTADOS

De modo geral os alunos não tiveram dificuldades com o uso dos computadores, haja vista que muitos o têm em casa ou o utilizam em outros locais. As dificuldades se deram no estranhamento inicial com a metodologia. A expectativa desses alunos era de uma pesquisa livre a partir do tema Globalização. No entanto, tratou-se realmente de um estranhamento, não rejeição. Assim que esclarecidos do funcionamento da *Webquest* realizaram as atividades com empenho e concentração.

A etapa 1 foi realizada com grande rapidez e desenvoltura, e essa era mesma a proposta dessa etapa. A rápida pesquisa sobre a velocidade das informações nas Grandes Navegações foi solicitada, mas os alunos já sabiam que ocorria de forma bastante morosa devido à pouca tecnologia disponível. A segunda etapa retoma a música *Parabolicamará* do Gilberto Gil que foi utilizada em aula para introduzir o tema Globalização. A ilustração do David Harvey também já havia sido explorada no livro didático da turma. Essa etapa foi à oportunidade de resgatar esses dois recursos para então relacioná-los. As dificuldades encontradas pelos alunos não foram no uso do computador ou no conhecimento do tema, mas principalmente na escrita da resposta. Alguns alunos ainda têm muita dificuldade em responder “com suas palavras”, acostumados que estão em terem sempre um texto de onde buscar e copiar a resposta. A estratégia foi pedir que respondessem primeiro oralmente e depois escrevessem aquilo que tinham dito, para num segundo momento fazerem as devidas adequações e correções.

A etapa 3 foi mais demorada para responder, mas rendeu posteriormente em sala de aula discussão bastante produtiva sobre o conceito de *localização flexível*. Foi possível ampliar o conceito pensando em quais produtos são fabricados no Brasil e por quais motivos. Alguns alunos nessa conversa trouxeram situações vistas na TV sobre as más condições de trabalho em vários países do mundo.

A quarta etapa constitui-se uma síntese do que foi trabalhado sobre Globalização em aula e também nas etapas anteriores da *Webquest*. Inicialmente

alguns alunos somente descreveram o que aparecia no vídeo, mas com intervenção e questionamentos da professora conseguiram estabelecer relações por escrito sobre os vários assuntos tratados pelo vídeo. A última etapa tinha por objetivo levantar algumas questões sobre o *marketing*, dos baixos custos de produção e a Globalização. Embora alguns comentários tenham ficado repetitivos, a atividade valeu como uma primeira experiência de uso do fórum.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA, O USO DA *WEBQUEST* E O PAPEL DO PROFESSOR

A *Webquest* é ainda uma metodologia pouco conhecida e utilizada nas salas de aula. Para discutir seu uso como recurso didático em geografia, em escola municipal da periferia de Porto Alegre, buscou-se referências na literatura especializada sobre o ensino contemporâneo de geografia e sobre tecnologias educacionais (com ênfase na metodologia *Webquest*). Posteriormente elaborou-se uma *Webquest* segundo os pressupostos levantados nessas referências, com o tema Globalização, de forma a aprofundá-lo e complementá-lo. Por fim, observou-se o trabalho dos alunos durante a resolução das tarefas, verificando vantagens e dificuldades na aprendizagem através da *Webquest* em comparação com metodologias tradicionais ou de pesquisa livre na Internet.

Os referenciais utilizados nesse trabalho recordam que, assim como as sociedades humanas evoluem na manipulação e desenvolvimento de novas tecnologias (domínio do fogo, novas ferramentas agrícolas e industriais, etc.) a escola também precisa evoluir e apropriar-se das novas tecnologias para qualificar o ensino. Aqui, utilizou-se a Internet através da *Webquest* para contribuir com o ensino de geografia, agregando novas possibilidades de interação dos alunos com os conceitos geográficos.

Para as aulas de geografia considerando os pressupostos contemporâneos discutidos nesse trabalho e os Parâmetros Curriculares Nacionais, é preciso desenvolver estratégias que possibilitem ao aluno apropriar-se da sua realidade, estabelecendo através do diálogo com diferentes mídias, fontes e tecnologias um significado para os conteúdos geográficos. É um ensino não voltado para a memorização e a cópia, mas sim para a apreensão de suas realidades e a busca por relações que as explique. Para tal, esse estudo utilizou a *Webquest* como plataforma onde se agregou música já trabalhada em sala de aula (*Parabolicamará*, Gilberto Gil), vídeo do *Youtube*, charges, textos escritos, gravura e a oportunidade da pesquisa mediada em Portal de Notícias, de maneira a formar um panorama do

assunto Globalização e suas repercussões nas práticas de consumo, *marketing* e vida cotidiana.

Retomando Filizola (2009) quando estabelece como a geografia deve tratar do espaço e da espacialização dos fenômenos, as etapas da *Webquest* foram elaboradas pensando no cumprimento desses atributos. Assim, por exemplo, as etapas da *Webquest* procuram distinguir não apenas onde os fenômenos gerados pela Globalização ocorrem, mas principalmente o motivo de acontecerem de forma distinta em países industrializados desenvolvidos do que em países pobres ou emergentes. Além disso, essas etapas buscam demonstrar os impactos da globalização no cotidiano dos alunos, principalmente em suas formas de consumo.

Dessa forma, procurou-se a elaboração de uma metodologia de pesquisa na Internet que fugisse daquilo que Cavalcanti (2012) chama de “empirismo sensualista”, ou seja, do uso dos recursos como fins em si mesmos, simplesmente por serem atraentes ou divertidos. Como já discutido, as tecnologias educacionais devem agregar sentido e possibilitar o enriquecimento da aprendizagem e não somente proporcionarem “aulas diferentes.” No entanto, o professor deve aproveitar o estado de espírito do aluno para essas “aulas diferentes” como forma de facilitar o processo de aprendizagem.

Embora os alunos possam ter gostado de realizar a *Webquest*, esse não era o objetivo primeiro da ferramenta. Ela foi elaborada e construída a serviço da aprendizagem dos alunos mediante os conhecimentos a serem adquiridos e habilidades que são de competência da geografia desenvolver. Assim, a Internet foi utilizada para que o aluno desenvolva estratégias de compreensão e apreensão do espaço geográfico, relacionando os fenômenos locais e os globais com sua realidade e de sua comunidade.

Em comparação ao uso de metodologias tradicionais, a *Webquest* mostrou-se, nessa sequência didática, uma ótima alternativa, que possibilitou repensar os temas, relacioná-los, visitar conceitos através de recursos distintos aos feitos anteriormente. No entanto, para que fosse utilizado como metodologia única para a temática (por exemplo, no ensino à distância-EAD) precisaria ter sido elaborada com

mais etapas, começando das informações introdutórias do conceito de Globalização, como sua evolução histórica, por exemplo. Como esse não era o objetivo, ou seja, a *Webquest* foi concebida como uma metodologia de pesquisa presencial complementar à uma sequência didática, ela cumpriu plenamente seus objetivos. Certamente proporcionou uma aprendizagem muito mais significativa, complexa e estimulante do que se não tivesse sido utilizada.

Quando comparada com a pesquisa livre na Internet, a *Webquest* também apresentou méritos, pois incentivou o tipo de prática escolar defendida pelos autores contemporâneos do ensino de geografia⁵, onde as aulas se utilizem de atividades que permitam, pelo aluno, a construção do conhecimento na interação com recursos diversos, no caso, textos, vídeos, música. A pesquisa livre, sem as etapas e a organização que caracterizam a *Webquest*, poderia ser acometida da prática da cópia simples de ferramentas de busca, sem o estabelecimento de relações, inferências, generalizações e outros processos mais complexos de pensamento.

A Internet, apesar de seu potencial para motivar e facilitar a aprendizagem, pode em contrapartida levar a dispersão e a coleta de informações duvidosas ou irrelevantes sobre o assunto pesquisado. Esse risco foi sublinhado por alguns alunos quando deram suas opiniões sobre o uso da Internet nas aulas⁶. Nesse sentido o uso da *Webquest* foi muito pertinente, pois, embora não tolha a autonomia dos alunos, permite ao professor monitorar as fontes consultadas e selecionar materiais didáticos que sejam coerentes com os objetivos traçados para as temáticas trabalhadas. A *Webquest* mostra-se, portanto, como uma forma de pesquisa qualificada, onde o professor assume seu papel de norteador do processo de aprendizagem através da seleção e elaboração das tarefas e da avaliação de todo o processo.

Desde que usadas com planejamento e alinhadas aos objetivos cognitivos das disciplinas, o uso de pesquisas na Internet (*Webquest*, neste trabalho) são eficazes ferramentas na educação. A partir dos diferentes referenciais teóricos sobre

⁵Ver capítulo 3.

⁶Ver capítulo 6.

o ensino de geografia e do uso de mídias no ensino discutidos nesse estudo e da reflexão e avaliação a partir da prática docente, pode-se estabelecer algumas considerações sobre o uso de mídias digitais nas aulas:

1) Planejamento Sistemático: pesquisas na Internet exigem orientação docente sobre o que buscar, onde buscar e o que registrar, bem como quais objetivos devem ser alcançados. Não se pode confundir o respeito à autonomia do aluno com a não orientação do professor. O docente é o especialista que têm a responsabilidade de estabelecer os objetivos, selecionar os recursos e propor as atividades a serem desenvolvidas. Isso não inviabiliza o diálogo e a construção conjunta do conhecimento, apenas não exclui o professor de seu papel como mediador do processo pedagógico.

2) Uso adequado de diferentes mídias e tecnologias: Se para alguns conteúdos e objetivos a serem atingidos se presta o uso da TV, do computador e do *PowerPoint*, para outros o mais adequado pode ser o caderno, o lápis e o livro didático. Voltando ao já discutido, o objetivo do uso da metodologia com a Internet não deve ser o divertimento. Ele pode e será mais efetivo se for agradável. Mas o objetivo primeiro deve ser aquilo que se pretende com a disciplina e com a temática trabalhada. Limitar o uso da Internet a vontade de dar aulas "diferentes" é subestimar seu potencial pedagógico como instrumento de acesso à informações, interação social e estabelecimento de relações com contextos diferenciados e formas distintas de arranjos sócio-espaciais (no caso da geografia).

3) Rigor conceitual e aprofundamento teórico: assistir um filme ou navegar na Internet não bastam. É necessário a partir disso, aprofundar esse conhecimento com a exposição do professor e com a busca por outras fontes, para que a aula não vire uma coletânea de variedades e uma aprendizagem rasa, sem consistência. No caso desse trabalho, a *Webquest* é parte de uma sequência didática maior, baseada no estudo do tema Globalização com o uso de diferentes atividades. Caso ela fosse o único recurso ou metodologia para trabalhar o tema com a turma, ela deveria estar elaborada de outra forma, possivelmente com mais etapas, outros textos e tarefas.

Uma grande vantagem da *Webquest* é a possibilidade de exercitar o

protagonismo do professor na elaboração do seu material didático. Para que isso ocorra, o professor deve qualificar-se não apenas para a utilização dessas novas tecnologias em suas aulas, mas também para sua elaboração e construção. De outra forma, é deixado a cargo de profissionais de outras áreas a tarefa de ensinar através de softwares desenvolvidos sem o conhecimento e os cuidados didático-pedagógicos necessários.

Finalmente, muitos são os méritos do uso da metodologia *Webquest* nas aulas de geografia. Como já citado, trata-se de uma forma qualificada de pesquisa, onde se minimizam os riscos de fontes inadequadas, em que se permite agregar outras mídias (vídeos, música, etc.) em suas etapas e motiva os alunos que geralmente gostam muito de realizar atividades com o uso da Internet. Enfim, a *Webquest* contribui com a aprendizagem da geografia por facilitar o acesso pelos alunos de diferentes fontes e pontos de vista sobre as relações humanas no espaço com a orientação e intervenção do professor. A combinação desse acesso e da mediação do professor é o fundamento do sucesso dessa metodologia para a apropriação dos conceitos geográficos pelos alunos e pela reflexão das relações entre o mundo em que vivem, suas realidades e o processo de Globalização.

Relembrando o problema motivador desse trabalho, ou seja, de que forma o uso da pesquisa na Internet, através da metodologia *Webquest*, pode contribuir com o ensino-aprendizagem de Geografia por jovens de 9º ano do ensino fundamental, pode-se afirmar que é bastante grande seu potencial como prática escolar. Ao pensar no ensino-aprendizagem da geografia, a *Webquest* possibilita a superação das práticas escolares baseadas na memorização, na cópia, no enciclopedismo que às vezes caracteriza as aulas dessa disciplina. As atividades selecionadas pautavam-se na construção de relações entre os diferentes aspectos da Globalização, no exercício de diferentes práticas de leitura de textos e imagens e na extrapolação dos conceitos para além do exercício teórico, buscando repercussões com a realidade dos alunos.

No que tange o “por jovens de 9º ano”, Cavalcanti (2012, p.115), chama a atenção que, entre outras características, são um grupo com “forte relação com os

meios de comunicação e informação; fascínio por imagens e movimentos, adesão acentuada a sociedade de consumo, (...) valorização da liberdade em todos os aspectos(...).” Por tudo isso, um trabalho na Internet, com o uso de vídeos, ilustrações e charges, tratando de coisas muito próximas aos seus cotidianos, como o consumo e o papel da mídia e que lhes permita consultar ferramentas de pesquisa na *web* e realizar as etapas na ordem que preferirem é bastante adequada.

Mudar o foco da dinâmica pedagógica não é tarefa fácil. Sendo difícil, é necessário que o início dessas mudanças seja imediata. O uso das novas tecnologias expande as possibilidades de obter informações, registrar ideias e comunicar-se com seus pares. Diante do avanço tecnológico e da enorme gama de informações disponibilizadas pela mídia e pelas redes de computadores, é fundamental saber ler, processar e analisar esses dados. A escola cumpre esse papel ao apropriar-se das várias modalidades de linguagens como instrumentos de comunicação, promovendo um processo de decodificação, análise e interpretação das informações e desenvolvendo a capacidade do aluno de assimilar as mudanças tecnológicas que, entre outros aspectos, constituem também novas formas de aprender. Cabe à geografia oportunizar aos estudantes a tomada de consciência das práticas sócio-espaciais suas e dos variados agrupamentos humanos, bem como a maneira como se espacializam coisas e fenômenos, com o uso mediado pelo professor das novas tecnologias.

Como visto, a geografia pode e deve assumir seu compromisso de não apenas aperfeiçoar a leitura de textos escritos, mas agregar a função de desenvolver a habilidade de ler o mundo em toda sua grandeza e diversidade de fontes, principalmente pela Internet. Ler cores, palavras, signos, símbolos, igualdades e diferenças. Aprender da paisagem aquilo que nos faz seres constituidores de espaços e tempos. Afinal, como Estrabão⁷ já dizia “a variedade de aplicações que é susceptível à geografia, que pode servir, por sua vez, às necessidades dos povos e aos interesses dos chefes [...] implica que o

⁷Géografo grego (64 a.C – 24 d.C).

geógrafotenha esse mesmo espírito filosófico habituado a meditar sobre a grande arte de viver e de ser feliz”. (CAVALCANTI; VIADANA 2010, p.30.).

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2015.
- CAVALCANTI, A.,VIADANA, A. Fundamentos históricos da geografia contribuições dos fundamento filosófico na Grécia antiga. In: GODOY, P. R. T. (Org). **História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 289 p.
- CAVALCANTI, L. **O ensino de geografia na escola**. Campinas:Papirus,2012.
- FILIZOLA, R. **Didática da geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, W. **Tecnologia e educação: as mídias na prática docente**. Rio de Janeiro:Wak, 2011.
- Guia de Tecnologias na Educação. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2012.
- KAERCHER, N. A. Das coisas sem rosa uma delas é a pessoa: as geografias do Manoel e do Nestor na busca de um bom professor. In: TONINI, I. M. *et al.* **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- KAMPPFF, A. Computadores e educação. In: ULBRA (Org.). **Tecnologias da educação e da comunicação na educação**. Curitiba: Ibpex, 2007.
- KENSKI, V.M. Aprendizagem mediada pela tecnologia. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 10, p. 47-56, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=786&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 07 jan.2015.
- LIMA, A. L. D. Séries Iniciais do ensino fundamental: o papel das TIC na etapa mais desafiadora do ensino básico. BARBOSA, A. F. (Coord.). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2013**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, p.74-80, 2014. Disponível em:<<http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-educacao-2013.pdf>>. Acesso em: 10 jan.2015.
- MUSSOI, E.M. **Proposta de desenvolvimento de um software para o ensino e**

aprendizagem de geografia nas séries iniciais. Santa Maria: UFSM, 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

PEREIRA, L. S.; MESQUITA, N. A. S. A produção acadêmica sobre *Webquest* na base de dados da CAPES: aspectos lúdicos como caracterização da ferramenta. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO BRASIL, 2012, Salvador. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famat/viali/recursos/Webquests/a_producao_academica_sobre_Webquest_na_base_de_dados_da_capes_-_aspectos_ludicos_como_caracterizacao_da_ferramenta.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2015.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

PONTUSCHKA, N.; PAGANELLI, T.; CACETE, N. **Para ensinar e aprender geografia.** São Paulo: Cortez, 2009.

PRENSKY, M. **Nativos digitais, imigrantes digitais.** 2001. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/55575941/Nativos-Digitais-Imigrantes-Digitais-Prensky#scribd.>>. Acesso em: 04 jan. 2015.

RADAELLI, M.; FRUET, F. Processo ensino-aprendizagem e interação entre alunos e professores potencializados pelas tecnologias da informação e da comunicação. **Revista RENOTE**, Porto Alegre, v. 9, n.1, jul. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/issue/view/1457>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

SALATESKI, C.; PEREIRA, P. S. **Webquest:** recurso pedagógico no ensino de matemática. 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1951-8.pdf>>. Acesso em 07 jun. 2015.

SANTOS, M. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.


SILVA, F. Q.; FERRARI, H. O. A Webquest como atividade didática potencializadora da educação. **Revista RENOTE**, Porto Alegre, v. 7, n.1, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/issue/view/950>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

SILVA, N.; BOTTENTUIT, J. Uma proposta de uso da metodologia *Webquest* para o ensino e aprendizagem de Literatura. **Revista RENOTE**, v. 12, n.1, 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/issue/view/2354>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda.** Rio de Janeiro: Record, 1980.

APÊNDICE 1:

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE MÍDIAS PELOS ALUNOS:



Profª Rúbia Aparecida Cidade Borges Componente Curricular: Geografia

MATERIAL DE USO COLETIVO

Para que nossas aulas sejam cada vez mais produtivas e interessantes, gostaria de conhecê-lo(a) um pouco melhor! Você topa?

RESPONDA EM OUTRA FOLHA:

- 1) Qual sua idade?
- 2) Onde você mora? (rua, vila, bairro, etc.)
- 3) Com quem você mora?
- 4) Você tem computador em casa?
- 5) De onde você acessa a Internet? (casa, lan house, etc)
- 6) Quantas vezes por semana você acessa a Internet?
- 7) Você possui celular com acesso Internet?
- 8) Você participa de redes sociais? Quais? (Facebook, WhatsApp, etc.)
- 9) Você costuma usar essas redes sociais para tratar de assuntos da aula? Cite exemplos.
- 10) Você tem professores em seus contatos nas redes sociais? Alguma vez eles utilizaram essa rede para tratar de assuntos da aula?
- 11) O que mais você costuma acessar na Internet?
- 12) Você já realizou algum trabalho escolar utilizando computador ou Internet? Me conte como foi. (Para qual disciplina? Qual assunto? O que foi solicitado? Era em grupo ou individual? Para entregar ou apresentar? Você gostou?)
- 13) Você acha que o uso da Internet pode auxiliar na sua aprendizagem? Por quê?
- 14) Diga o título de alguns filmes que você goste muito.
- 15) Certamente você já assistiu na escola filmes/vídeos/documentários para aprender algum assunto. Pense na experiência com filmes/vídeos/documentários que você mais tenha gostado e aprendido e me conte como foi. (qual a disciplina e assunto, em que ano você estava, que atividades foram feitas antes e depois de assistir o filme.)
- 16) Agora é o contrário. Pense na experiência com filmes/vídeos/documentários que você **menos** tenha gostado e aprendido e me conte como foi. (qual a disciplina e assunto, em que ano você estava, que atividades foram feitas antes e depois de assistir o filme.)
- 17) Você acha que o uso de filmes/vídeos pode auxiliar na sua aprendizagem? Por quê?
- 18) Escreva algumas músicas que você gostaria que tocassem no recreio da escola.